

## **EUCARISTIA: VOLTEMOS À SACROSSANCTUM CONCILIVM**

*Aos domingos, em dezenas de estúdios de televisão pelo Brasil a fora, realiza-se uma missa para ser transmitida ao vivo para os lares da região ou do país. Enquanto neste canto do estúdio se celebra o mistério da fé, ali no outro funcionários já preparam as câmaras para o seguinte item da programação. Logo ao lado do cenário da missa estão os de outras “atrações” do mesmo canal que talvez não só não tenham a ver com o mistério que ora se celebra, como até mesmo o contradigam. O que agora é altar, daqui a pouco servirá para algum empregado afobado descansar suas ferramentas, ou quem sabe para se deitar, tirando um descanso à espera de seu momento de agir. Tem sentido celebrar aí a eucaristia? E que assembléia é essa, artificialmente reunida para responder às orações e aos diálogos litúrgicos, ou para, com seu canto, dar “brilho” à celebração?*

*Mas independente de tudo isso, tem sentido uma missa na televisão ou rádio? Tem sentido transmitir por televisão um almoço? O telespectador veria as iguarias servidas, mas não poderia servir-se. Se a participação sacramental na comunhão é parte integrante da eucaristia, de que serve vê-la celebrada? Para incentivar a comunhão espiritual? Mas não haveria outros meios de suscitar o desejo da eucaristia? Não teria muito mais sentido transmitir pela televisão e pelo rádio celebrações da Palavra? Ou fazer programas que usassem com inteligência a linguagem da mídia correspondente? Transmitir a eucaristia não é uma forma de vulgarizá-la para quem é incapaz de captar-lhe o mistério? Não se deveria aplicar para nossos dias, face a uma sociedade novamente paganzada, a disciplina do arcano?*

*Não faz muito tempo, a televisão mostrou cenas de um popular padre “pop-star” carregando o ostensório com a hóstia consagrada no meio da multidão de seus fiéis que se aglomeravam e erguiam as*

mãos para tocar na custódia ou aproximar dela suas carteiras de trabalho (ou as de seus filhos ou maridos). Espetáculo de fé na eucaristia ou incompreensão grotesca do sentido do sacramento? O Santíssimo Sacramento é um “santo milagreiro”, quem sabe mais poderoso que os outros?

A missa televisionada de um “padre de mídia” atraiu um milhão de pessoas. No centro da atenção das câmaras o padre-estrela que tinha que antecipar-se à assembléia em cada palavra pronunciada ou cantada por ela. Presidia a celebração ou animava um auditório, segundo o modelo dos animadores nas tardes de domingo? Aliás, quem presidia a celebração era um bispo. Mas pouco aparecia na tela, como tampouco dava nome à programação da TV. E essa assembléia-auditório celebrava o que? O mistério pascal de Cristo? Ou celebrava a si mesma, sua alegria de viver e sua admiração pelo padre “pop-star”? De resto, serve o “show” televisivo como protótipo do estilo celebrativo? Mera estratégia de “marketing”? Será a eucaristia matéria para “marketing”? Não é instrumentalizá-la da forma mais vil, a fim de ganhar a concorrência com os “crentes”?

Qualquer escola, ao concluir seu curso, pode julgar conveniente chamar um padre para “abrilhantar” as celebrações de fim de ano, “rezando uma missa de formatura”. Naturalmente, quem a encomendou ditará que músicas se hão de cantar e com que gestos bizarros se marcará a participação do público. É tempo de advento – como sói acontecer – mas sabem eles o que é advento? De qualquer forma, que significa esse “pormenor irrelevante”, diante da magnitude do evento de conclusão de curso?...

A empresa dirigida por católicos se sente honrada, quando consegue um padre benévolo que em pleno advento celebre uma “missa de Natal” para seus funcionários. A empresa cumpre com todos os deveres legais para com seus trabalhadores? Mas que tem isso a ver com celebração “tão comovente” de Natal? E, em tudo isso, há padres que até se sentem importantes ou gratificados por poderem entrar assim em ambientes leigos. Importa aos estudantes que concluem seu curso o mistério da eucaristia? Importa ao empresário piedoso a justiça social? Que pensarão no seu íntimo? O padre serve para outra coisa que para “rezar” a missa a fim de “abrilhantar” suas festas? Sabe-se (sabe o povo, sabem os padres) que a eucaristia não é a única forma eclesial de celebração? Quem valoriza as celebrações da Palavra, as celebrações penitenciais, as horas canônicas? E, no entanto, todas elas convergem para a eucaristia, como seu ponto culminante, e valem como preparação indispensável.

Na maioria das Igrejas do Brasil a assembléia litúrgica se fragmenta em tantos indivíduos quantos são os participantes, cada um lendo

*ou soletrando em seu folheto dominical tudo o que acontece diante dele. Não se celebra, segue-se o “script”, onde a Palavra de Deus se confunde com os comentários (felizes ou menos felizes) que precedem as leituras, e com as orações que o presidente da celebração, presbítero ou bispo, deverá seguir necessariamente sob pena de deixar os participantes desorientados. Mas por que tem que escolher neste domingo do tempo comum exatamente este prefácio e esta oração eucarística e não outros? Porque assim o determinaram os autores do folheto! E a liberdade de escolha que o Concílio Vaticano II em sua Constituição sobre a Liturgia quis dar aos celebrantes, para que respondessem melhor à comunidade concreta que celebra a eucaristia?*

*Pior ainda que os folhetos dominicais são os caderninhos da liturgia diária que simplesmente acabam com a liberdade que a reforma litúrgica do Vaticano II queria conceder na escolha de textos para a eucaristia cotidiana. Todo dia de semana do tempo comum, em que não constar no calendário uma memória obrigatória, o presidente da assembléia eucarística será “condenado” a usar as orações do domingo anterior, embora a introdução ao missal tenha deixado uma boa liberdade de escolha.*

*No calor de uma celebração que se pretende inculturada, a Bíblia é introduzida com danças e cantos, antes da primeira leitura. É esse o uso litúrgico correto da Bíblia? Não se trata antes de uma imitação de nossos irmãos pentecostais ou uma concorrência a eles? Não se fetichiza assim a Bíblia, como se o livro como tal – de preferência numa edição bem vistosa, mesmo que mal traduzida – tivesse significado e valor? Aliás, o livro é logo posto de lado e sub-repticiamente aparece sobre ele o inevitável folheto, de onde se fazem as leituras. A introdução festiva da Bíblia não esquece que livro é para ser lido/escutado, não para ser contemplado? A Palavra de Deus acontece na assembléia reunida, enquanto é proclamada e acolhida com fé. A tradicional procissão solene com o Evangelário tem bem outro sentido. Quem é aclamado e introduzido é o Cristo que falará no Evangelho; o livro o simboliza. Ao Cristo evangelizador valem a aclamação, as luzes, o incenso. Não ao livro. Mas quem já viu um evangelário numa Igreja do Brasil? Além disso, já que se usa o folheto, como introduzir com solenidade aquela vulgar página de papel jornal? Como poderia ela simbolizar o Cristo Mestre que proclama a Boa Nova a sua comunidade reunida?*

*Perdeu-se o sentido do simbólico. E, quando se introduzem símbolos, julga-se necessário explicá-los exaustivamente, acumulando palavras a palavras. Assim a liturgia eucarística se encontra sobrecarregada de palavras, pobre de símbolos. Palavras que explicam pretensos símbolos; palavras do comentarista para introduzir uma leitura que se*

*supõe não será entendida; palavras do celebrante que aproveita todos os espaços livres para multiplicar homilias mal preparadas; palavras que substituem os cantos mais fundamentais da celebração, como o Kyrie, o Santo, o Cordeiro de Deus; cantos que multiplicam palavras e são pobres em teologia e mais pobres ainda em lírica. Enfim, há muitas palavras e pouco espaço para a Palavra que fica encoberta por ritos supérfluos e banalizada por – às vezes múltiplas – homilias sem conteúdo nem espírito.*

*Sob pretexto de inculturação, volta-se a encher a celebração de penduricalhos de sabor duvidoso e sentido teológico questionável. Uma nova barroquização de mau gosto faz perder o essencial da celebração. Um falso espírito de participação transforma o padre no “mago” que se reserva as palavras mágicas da instituição, enquanto todo o mundo recita a restante oração eucarística. Só a “consagração” ainda é tabu (Por quanto tempo? Talvez por muito, pois o padre não quer perder seu “poder”).*

*A eucaristia recebeu o antigo e venerável nome de “fração do pão” (At 2,42). Parte-se o pão eucarístico para repartir-se a vida, doando-a aos demais, como fez o Senhor, despojado de tudo na cruz. Para quantas celebrações de eucaristia vale que o memorial do mistério pascal de Cristo é uma “memória perigosa e subversiva” (J. B. Metz) que sacode nosso comodismo e questiona nossas práticas? Fazemos memória daquele que foi “crucificado pela injustiça” e, praticando acepção de pessoas, damos lugar de honra a governantes fautores da injustiça, a poderosos que vivem do salário recusado aos pobres (cf. Tg 2,1-7). Ou a eucaristia não tem nada a ver com a justiça? Não vale antes o adágio, inspirado em Mt 5,23-24: “Onde não há justiça, não há eucaristia” (J. M. Castillo)? Partindo o pão pelas casas, os cristãos da comunidade ideal, descrita por Lucas, “tinham tudo em comum”, “eram um só coração e uma só alma”, “não havia necessitados entre eles” (cf. At 4,32-34).*

*Com razão, diante de tudo isso, se poderia perguntar se não estaríamos precisando de um novo movimento litúrgico que nos levasse a redescobrir a riqueza da liturgia da Igreja, que, aliás, não se reduz à celebração da eucaristia, embora nela, enquanto memória do mistério pascal de Cristo, tenha seu cume, fonte e ponto de chegada.*

*De resto, a centralidade da eucaristia para a vida cristã poderá ser vivida na Igreja do Brasil, quando 70% das comunidades não pode celebrá-la cada domingo por falta de padre? As celebrações da Palavra com distribuição da comunhão não são um mau substitutivo da insubstituível celebração da eucaristia? Não levam a crer que a oração eucarística é apenas um “pormenor dispensável”? Não levam, por*

*outro lado, a depreciar a Palavra de Deus proclamada, festejada e refletida em comunidade, pois fazem pensar que a celebração da Palavra de Deus não tem sentido em si, mas só quando acompanhada da distribuição da comunhão? Não conduzem a esquecer que Cristo não está presente só nas espécies eucarísticas, mas também na Palavra proclamada e na assembléia reunida em seu nome?*

*À falta de celebração eucarística em tantas comunidades se acrescentam as celebrações apressadas, presididas por um padre “zeloso” que chega correndo e sai voando, porque tem ainda outras “missas a celebrar” em outras comunidades. Podem ser quatro, cinco, seis, cada domingo – mesmo que à revelia do Direito Canônico vigente. Mas pode mesmo dizer-se que faltam vocações, quando não há comunidade que não encontre alguém que a dirija? Não serão as condições que se impõem que impedem o que devia ser o caso normal – certamente querido por Deus – de ter cada comunidade seu presbítero? Não seria conveniente e até imperioso que o bispo impusesse as mãos com generosidade sobre dirigentes de comunidades que estão realizando, de fato, o que um presbítero deveria realizar?*

*Os exemplos e as perguntas poderiam multiplicar-se e permitem identificar uma crise da eucaristia na Igreja de hoje. O fulcro da crise está em não se ter captado o espírito da reforma litúrgica do Vaticano II e ter sido deturpada sua letra.*

*Tudo isso leva a saudar o desejo do Papa de que este ano jubilar seja “um ano intensamente eucarístico”. Sem dúvida, a realização do 47º Congresso Eucarístico Internacional, de 18 a 25 de junho, em Roma, constituiu o ponto central do caráter eucarístico dos festejos jubilares. Mas será um congresso eucarístico a melhor forma de despertar para a eucaristia e sua centralidade na Igreja? Seu surgimento tardio na história da Igreja leva à suspeita de que não.*

*Os congressos eucarísticos começaram no fim do séc. XIX no contexto de um projeto de restauração que teve seu ponto alto no pontificado de Pio IX. Num mundo que se tornava cada vez mais independente da Igreja, numa sociedade que dera as costas ao regime de cristandade e em que a Igreja se tornava irrelevante, considerou-se necessário voltar ao passado com manifestações triunfalistas, reconstruir a velha cristandade, reafirmar determinada figura da “presença pública da Igreja”. À medida que os congressos eucarísticos se foram sucedendo no decurso do séc. XX, parecia coroado de êxito tal propósito. A cidade parecia parar para homenagear o Cristo presente na eucaristia. Reconhecida a Cidade do Vaticano como estado, o Legado papal era recebido pomposamente pelas máximas autoridades do país. “Passeava-se” o Cristo eucarístico pelas ruas das grandes metrópoles que*

iam surgindo no decorrer do século, como outrora se havia “passeado” o ostensório pelos campos, para abençoar as colheitas. Em tempos de escasso espírito ecumênico, pouco importava que essa prática tivesse escandalizado Lutero que não via nela o sentido da instituição da eucaristia: “para ser alimento”.

*Uma reviravolta nessa perspectiva representou o 37º Congresso Eucarístico Internacional, em 1960, em Munique (Alemanha). Nos países da Europa Central, o movimento litúrgico já adquirira raízes profundas. A restauração da Semana Santa por Pio XII lhe garantira direito de cidadania na Igreja universal. O novo Concílio já havia sido convocado por João XXIII que esperava do Congresso de Munique uma prelibação do grande acontecimento eclesial. Os idealizadores e organizadores do Congresso assumiram, pois, como fio condutor a sugestão do grande liturgista Josef Andreas Jungmann S.J. de conceber esses congressos como uma “**statio orbis**”. Um costume da Igreja Romana nos albores da Idade Média era assim retomado e transposto a dimensões universais. Em determinadas datas todos os cristãos de Roma eram convocados para celebrar a eucaristia em torno de seu bispo, numa das Igrejas principais da cidade. Era a “**statio urbis**”. Tratava-se de uma reunião em torno da eucaristia, mas da eucaristia enquanto celebração do mistério pascal, não enquanto sacramento da presença real de Cristo. Atingia-se assim mais e melhor o núcleo do mistério eucarístico: instituído não para ser contemplado, mas para servir de alimento. Nessa perspectiva concebeu-se o Congresso de Munique. Nessa perspectiva haveria de ser escrita a Constituição do Vaticano II sobre a Liturgia.*

O núcleo central do Congresso de Munique constituiu um “tríduo pascal no verão”, para que a memória da Páscoa do Senhor fosse de fato o cerne do evento. A quinta-feira da semana do Congresso foi dedicada ao mistério do amor e da entrega do Senhor e à instituição do sacerdócio, com missa vespertina (na época ainda com sabor a novidade!) e lava-pés. A sexta-feira foi consagrada ao sacrifício de Cristo e à participação dos cristãos, completando o que falta aos sofrimentos do Senhor. A peregrinação ao antigo campo de concentração de Dachau e a celebração da cruz atualizaram a sexta-feira santa. No sábado à noite, um lucernário recordou a vigília pascal. E o domingo, a Páscoa semanal do cristão, encerrou o Congresso com toda a alegria e esplendor que provêm da fé na ressurreição de Senhor. Celebrou-se o mistério pascal, não se louvou apenas a presença eucarística de Cristo.

Por outro lado, o lema “Para a vida do mundo” abria perspectivas para a responsabilidade cristã na sociedade. A eucaristia não nos traz para o recinto da Igreja para simplesmente congregar-nos por uma hora; ela nos remete à missão, ao mundo que é entregue ao cristão

*como tarefa. Não se trata de unir-nos ao “doce hóspede das almas” para consolo e sossego íntimo, mas de celebrar a memória de seu mistério pascal para, entrando nele e dele participando, realizá-lo na vida de cada dia, unindo-nos aos que sofrem como Cristo e descobrindo e ajudando-os a descobrir a ressurreição e o Ressuscitado em seu meio.*

*O Concílio Vaticano II, em sua Constituição sobre a Liturgia, assumiu essa visão da eucaristia como celebração do mistério pascal. Abriu as portas para uma nova era. Passados quase 40 anos, a reforma litúrgica parece ter entrado pelos descaminhos inicialmente recordados por alguns exemplos. Infelizmente a programação do 47º Congresso Eucarístico Internacional perdeu a chance que teria, de reviver uma inspiração renovadora. Embora se conserve a designação “statio orbis”, reserva-se para o último momento, a missa de encerramento, e não se aplica ao conjunto. A adoração da eucaristia – dia e noite, nas principais Igrejas de Roma – parece ser muito mais central. A coincidência com a Festa do Corpo e Sangue de Cristo e sua tradicional procissão transforma esta no acontecimento mais chamativo, num longo percurso entre São João de Latrão e Santa Maria Maior. Ressaltem-se, porém, como aquisição positiva, as várias celebrações ecumênicas.*

*A maior contribuição que o ano jubilar consagrado à eucaristia poderia dar à Igreja seria ensinar-nos a recordar o que o Concílio disse a respeito: a eucaristia é, primeiramente, banquete memorial, celebração do mistério pascal de Cristo. Por isso “a liturgia é o cume para o qual tende a ação da Igreja e, ao mesmo tempo, é a fonte donde emana toda sua força. Pois os trabalhos apostólicos se ordenam a isso: que todos, feitos pela fé e pelo batismo filhos de Deus, juntos se reúnam, louvem a Deus no meio da Igreja, participem do sacrifício e comam a ceia do Senhor” (SC 10).*

*A presença sacramental é apenas uma forma de presença de Cristo. Seria preciso que despertássemos novamente para as múltiplas maneiras de presença do Senhor a sua Igreja. A Constituição sobre a Liturgia, do Vaticano II, havia recordado: “Para levar a efeito obra tão importante [a salvação do gênero humano] Cristo está sempre presente em sua Igreja, sobretudo nas ações litúrgicas. Presente está no sacrifício da missa, tanto na pessoa do ministro, pois aquele que agora oferece pelo ministério dos sacerdotes é o mesmo que outrora se ofereceu na cruz, quanto sobretudo sob as espécies eucarísticas. Presente está pela sua força nos sacramentos, de tal forma que quando alguém batiza é Cristo mesmo que batiza. Presente está pela sua palavra, pois é ele mesmo que fala quando se lêem as Sagradas Escrituras na Igreja. Está presente finalmente quando a Igreja ora e salmodia, ele que prometeu: ‘Onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, aí estarei no meio*

deles' (Mt 18,20)" (SC 7). Paulo VI, na Encíclica *Mysterium fidei* (3.9.65), amplia meditativamente a reflexão do Concílio: Cristo está presente na oração da Igreja, na prática das obras de misericórdia, presente pela fé e pela caridade em nossos corações, presente na pregação da Igreja, na direção e governo dos pastores, no sacrifício da missa e na administração dos sacramentos e, enfim, na eucaristia (cf. *Mysterium fidei* nº 35-40). "Esta última presença chama-se 'real', não por exclusão como se as outras não fossem 'reais', mas por antonomásia" (ib., nº 41).

A celebração eucarística é a realização máxima da Igreja, espelho daquilo que somos como Igreja. Nela os que cremos em Cristo nos congregamos em torno do Ressuscitado que nos convoca e está presente. Reunimo-nos como organismo diferenciado, o Corpo de Cristo, com diversas funções suscitadas pelo Espírito, presididos por aqueles que foram postos à frente da Igreja, para ouvirmos a Palavra de Deus, fazermos memória do mistério pascal de Cristo pela ação do Espírito Santo e recebermos na comunhão o Corpo de Cristo. É assim que na Igreja particular "reside e atua a Igreja de Cristo, una, santa, católica e apostólica" (Vaticano II, *Decr. Christus Dominus*, nº 11). Na celebração se realiza o que Agostinho expressou em sua última homilia de Pentecostes: "Se sois o Corpo de Cristo e seus membros, vosso mistério está posto sobre a mesa do Senhor, recebeis vosso mistério. Respondeis amém ao que sois e, respondendo, subscreveis. Pois ouves: "O Corpo de Cristo' e respondes: 'Amém'. Sê membro do Corpo de Cristo, para que seja verdadeiro teu amém. [...] Sede o que vedes e recebei o que sois" (AGOSTINHO: *Sermo 272. PL 38, 1247-1248*).